

AS LEGENDAS MONETÁRIAS INDÍGENAS DA PENÍNSULA IBÉRICA E AS PRIMEIRAS DECIFRAÇÕES DERIVADAS DO ALFABETO NUMÉRICO

PELO DR. LEONEL RIBEIRO

NOTA DE ABERTURA

As presentes notas foram tomadas durante a preparação do II volume das Inscricões Lusitanas, que o autor conta poder acabar em breve, e que terá o título «Comparações de Alfabetos, de Letras e de Palavras», tal como foi anunciado na nossa História das Letras e dos Algarismos.

Nesse livro se expôs como se chegou ao conhecimento dum alfabeto numérico primitivo e europeu, do qual derivaram todos os alfabetos conhecidos, tanto antigos como modernos ⁽¹⁾.

As decifrações das legendas monetárias indígenas, que se vão apresentar, foram uma consequência directa da maneira nova, e inédita até agora, de que o autor se serviu para determinar quanto possível os valores de cada símbolo e as suas muitas variações fonéticas e, mesmo, consonânticas, que se registam em número cada vez maior, no tempo e no espaço. Ao percorrer trilhos tão novos, teve o autor de deixar de lado, como é bem de supor, velhos caminhos, preconceitos vários e muita ideia feita que, além de motivos de ordem diferente, se têm por responsáveis pelo atraso e repetidos insucessos na leitura das antigas moedas e inscrições peninsulares.

Para se poder ter conseguido o pouco de seguro que se vai apresentar houve, também, que abandonar mitos e autoridades tidas como respeitáveis cujo prestígio noutros campos tem induzido em erro e, portanto, em insucesso, grande parte das boas vontades que a estes estudos se têm dedicado.

(1) Leonel Ribeiro — História das Letras e dos Algarismos — Lisboa, 1959.

É assim que, no estudo especial das legendas indígenas das moedas ibéricas, turdetanas ou lusitanas, tem que se fazer quase sempre «tábua rasa» de alfabetos propostos por autores anteriores como, por exemplo, os de Heiss, ⁽¹⁾ Delgado, ⁽²⁾ Hübner, ⁽³⁾ e, mesmo, o Prof. M. Gomez Moreno, ⁽⁴⁾ porque com eles, e através deles, têm enchido livros e corrido mundo dezenas e dezenas de «palavras ibéricas» *que nunca existiram* senão na fantasia dos seus criadores ou no erro em seguir o seu falso ensino. A nossa experiência prova-nos que, neste estudo das legendas e inscrições antigas, há que ter em atenção *factos e só factos*, sem nunca os adulterar, para não induzir em erro, como tanta vez tem sucedido, mesmo com os autores mais exigentes e bem intencionados. Estão neste caso, por exemplo, e isto no campo especial das legendas monetárias, a redução a tipos fixos de imprensa dos símbolos alfabéticos que preenchem aquelas legendas. Por tais motivos, estão cheias de erros as cópias de grande número de legendas e de inscrições, mesmo em autores de verdadeiro espírito crítico como Vives, ⁽⁵⁾ e L. de Vasconcelos ⁽⁶⁾. Esses símbolos devem reproduzir-se fotograficamente, sempre que possível, ou por cópia directa, e nunca por outro meio, pelo menos enquanto não houver um conhecimento perfeito, bem comprovado e por todos aceite, dos respectivos alfabetos e da maneira como foram utilizados. Deste modo se explica, embora resumidamente, o método especial de reproduções e de estudo que passamos a utilizar nas presentes notas. Nestas estudaremos algumas legendas monetárias que consideramos suficientemente comprovadas, tais como os nomes indígenas de Obulco, Sevilha, Xelsa ou Gelsa, Epila, S. Felíu de Guixols, Sagunto, Liria, Chella, Hellin, Orihuela, Gessa (Viella) e, talvez, Teruel. Poucos, muito poucos, porque este estudo é extremamente difícil e moroso quando se não quer ir para o campo, que tantos têm seduzido, de ilógicas conclusões, quando não de pura fantasia.

Começamos pela legenda indígena que contém o nome latino de OBULCO, hoje PORCUÑA, como geralmente se entende, porque a sua

⁽¹⁾ Aloïss HEISS — Description Générale des Monnaies Antiques de l'Espagne, Paris, 1870.

⁽²⁾ D. Antonio Delgado — Nuevo método de clasificacion de las medallas autónomas de España, Sevilha, 1871, 73 e 79.

⁽³⁾ Aemilius HÜBNER — Monumenta Lingve Ibericae, Berlim, 1893.

⁽⁴⁾ Manuel GOMEZ MORENO — Miscelaneas — La escritura iberica y su lenguaje, Madrid, 1948.

⁽⁵⁾ Antonio VIVES y ESCUDERO — La Moneda Hispánica, Madrid, 1926.

⁽⁶⁾ Dr. J. L. de Vasconcelos in Archeologo Português, vários anos.

decifração, além de trazer elementos valiosos para o entendimento dalguns símbolos do respectivo alfabeto, parece apresentar um tal fundo «euro-peizante» que faz pensar, sèriamente, na revisão de muitas das «ideias feitas» sobre importantes aspectos culturais da antiguidade peninsular.

I

A LEGENDA INDÍGENA DE PORCUÑA (OBULCO)

A) *As moedas de Obulco e as suas legendas*

No citado estudo de Heiss tratou este autor, com a profundidade e o cuidado que o caracterizavam, do «número considerável de moedas de tipos diferentes que Obulco emitiu» e fez um estudo desenvolvido, de páginas 36 a 42, das «legendas turdetanas», concluindo parecer-lhe «fora de dúvida», e por comparação com as moedas que continham os nomes latinos dos edis L. Aemil(ius) e M. IVN(ius), «que les légendes turdétanes placées sur les revers des autres bronzes d'Obulco doivent contenir aussi des noms de magistrats.»

Na sequência desse seu parecer «hors de doute» Heiss não parece ter posto, por isso, a hipótese, depois tão seguida por Delgado, de que entre os 17 conjuntos de legendas turdetanas, que registou, *pudesse estar o nome indígena de Obulco perdendo, assim, uma possibilidade muito grande de o ter encontrado.* Delgado e Hübner seguiram o trilho aberto, embora com leviandade e a referida hipótese (que o saibamos) nunca se chegou a pôr.

Mas dentro daquele ponto de partida Heiss estudou cuidadosamente as legendas turdetanas, tendo chegado à conclusão de que desconhecia, apenas, os valores de cinco dos respectivos símbolos—o que, entretanto, considerava suficiente para pôr as maiores reservas nas suas restituições e no quadro de alfabetos, incluindo o turdetano, que apresentava a páginas 42. Como prova de isenção e escrúpulo científico, que os seus continuadores não imitaram, merece a pena transcrever as suas próprias palavras: «Nous sommes malheureusement arrivés à un point où le terrain manque, pour ainsi dire, sous nos pas; il n'existe aucun document sur lequel nous puissions baser nos restitutions, aussi est-ce avec la plus grande réserve que nous le présentons.»

Por má leitura, muito provavelmente devido a erro de cópia, Heiss apresentava três variantes diferentes duma só legenda (as n.ºs 13 supra, e

14 e 15, infra) e duas variantes também diferentes duma outra (as n.^{os} 16 e 16 bis). Os dois grupos correspondem às legendas I e II do Quadro junto e as respectivas «restituições», relacionadas com o alfabeto hebraico, podem indicar-se assim, mas da esquerda para a direita:

Legenda 13 supra → M Th L M S
 » 14 infra → M Th L M S
 » 15 » → M Th L M S

leitura esta que, como se vê, era igual, embora feita de legendas com símbolos ligeiramente diferentes, mas tidos como simples variantes do mesmo símbolo.

A «restituição» da legenda 16 e 16 bis, porque também tinha dois símbolos diferentes, mas tidos como variantes da mesma letra M, daria o seguinte:

I M L G

A nenhuma destas possíveis leituras atribuiu Heiss qualquer sentido ou valor concreto, embora o tivesse feito para outras legendas de Obulco.

D. António Delgado e o seu continuador Mateus Gago seguiram em grande parte as conclusões de Heiss no estudo das mesmas legendas, que estudaram desenvolvidamente. A pág. 222 e segs. do «Nuevo Método», II volume encontram-se as conclusões a que se havia chegado, Delgado e outros, e que passamos a resumir:

Delgado: M O L Q S

M. Gago: M Th L OO S que comparava com Metilos, (METHELOS),

Zobel: M Th I L K O S que interpretava Mithilkos

Quanto à legenda II do Quadro junto, havia relativo acordo entre os diversos autores que, seguindo na esteira de Heiss, liam:

I M L C, e que comparavam a Imilco ou Himilco.

★

Em 1893 aparece a grande obra de Emílio Hübner que, pela sua indiscutível autoridade de grande epigrafista latino, fez aceitar, como sendo ibéricas, centenas de «palavras» que nunca existiram senão na sua fantasia de autor que pouco mais fez do que seguir as indicações de Delgado, mas que,

pelo prestígio de que gozava, criou uma nefasta escola de erros que muito complicou os estudos, já de si tão difíceis, das inscrições peninsulares, e, procedendo assim, seriamente contribuiu para o atraso e confusão em que ainda hoje os encontramos. Na sua obra *Monumenta Linguae Ibericae*, Hübner toma as legendas que estamos a estudar, insere, sem crítica suficiente, todas as variantes de Heiss e de Delgado provenientes de más leituras, passa tudo à «peste» dos tipos de imprensa e faz da nossa legenda I, de mistura com outras legendas que nunca existiram, as variantes seguintes:

N.º 120 — 10 a, b: G Th L Q S
 N.º 120 — 15 a, c: M O L Q S
 » » — 15 h: M O L Q M
 » » — 15 d: M O L Q I S

Merece a pena fazer um pequeno comentário a estas «palavras ibéricas»: enquanto Heiss, como se vê acima, tirava resultados iguais de leituras ligeiramente diferentes (porque erradas), como lhe impunha a lógica e a sua crítica exigente, Hübner tirava *resultados diferentes* da mesma legenda, só porque a cunhagem, o estado da moeda ou a respectiva leitura se mostravam deficientes. Assim o símbolo inicial bitriangular da legenda 10 a, b de Hübner nunca se encontrou naquela legenda que nada tem, portanto, com a sugestão Gaetulicos de Zobel, nem, tão pouco, com nomes registados no Corpus. É fantasia pura.

Mas nas transliterações de Hübner há coisa pior: o segundo símbolo da legenda, que, quanto ao tipo, é perfeitamente igual nos números 120-10 a e b e 120-15 a e b, é transliterado, sem qualquer objecção ou nota, no primeiro caso por TETH ou Theta, no segundo por O, o que, além de falta de lógica, está em completa oposição com os dados do alfabeto da Ulterior, impresso a pág. LVI dos Prolegomena. Entretanto, diga-se de passagem e a crédito de Hübner que a grave confusão de formas entre aquelas duas letras, o Theta e o Ó(micron) só se pôde considerar resolvida quando, em 1959, com a «Reforma do Novo», se demonstrou a equivalência Theta-Ó-Zero (*Hist.ª das Letras...* pág. 336, § 457 e segs.).

Como se vê, Hübner fez daquele símbolo um Ó, como o fizera Delgado, e fez do mesmo um Theta como o haviam feito, entre outros, Heiss, Zobel e M. Gago! E com contradições destas ou parecidas se foram fantasiando nomes e mais nomes «ibéricos»!

Quanto à legenda II do Quadro junto, e tal como Heiss, Delgado e outros, Hübner translitera, de acordo com o seu alfabeto:

N.º 120 — 14 a, b, c.: IMLC comparando com *Imilco*, valor este que, como os outros, é fantasia também, como veremos.

Legenda (?) III do Quadro junto:

Sob o n.º 27 de Obulco apresenta Delgado a legenda de uma moeda, muito mal cunhada e conservada, com as características peculiares das moedas de Obulco e que parece ser uma das de Hübner, N.º 120 — 4 a ou b e, em Vives, a N.º 4 de ABRA, Lâmina XCVIII-4 de Abra. Estas moedas são raras, mal feitas, e só uma comparação fotográfica entre todas as existentes poderá esclarecer os problemas que suscitam. Para já, parece que a atribuição de Vives a ABRA, que não se sabe o que seja, é mais problemática ainda que a sua inclusão entre as moedas de Obulco.

Mas deixando de lado estes problemas, vejamos os factos que dessas moedas resultaram:

Hübner, pondo de parte problemas ou hesitações, passou a tipo de imprensa os fracos e imprecisos desenhos de Delgado-Gago n.º 27, como os citados de Zobel e Pujol e translitera, com a maior certeza deste mundo:

N.º 120 — 4 a e b: D R A C equivalente a *Draco*, o que, como se vê, também não pode deixar de se considerar mera fantasia.

★

Passemos agora ao exame do Quadro junto:

As consoantes líquidas L e R eram conhecidas há muito como podendo ter valores, não só consonânticos mas também vocálicos «ÉLE» e «ÉRRE», como se infere do seu nome latino, português, etc.; este facto, comprovado e esclarecido pela origem numérica das letras, como se deixou dito na referida História das Letras e dos Algarismos, a ter-se na devida conta, trazia uma luz inesperada a todas as dificuldades levantadas por aquelas letras no estudo das inscrições monetárias peninsulares: G L I por G I L I, C L S A por CELSA, etc.: em vez de G igual a GE e C igual a CE, tínhamos L igual a «IL» e L igual a «EL» ou, mesmo «OL»! Aplicando estes valores ao caso das legendas de Obulco que vimos estudando, podia supor-se que o L da legenda II teria um valor vocálico qualquer; neste caso, porém, as legendas I e II passavam a apresentar aspectos de grande semelhança, mesmo quase identidade, uma vez que se fizesse a correspondência

QUADRO Nº 1

MOEDAS DE OBULCO COM O NOME INDIGENA DESSA CIDADE

I						TRANSLITERAÇÃO						
LEGENDA INDIGENA												
SINISTRORSA						DESTROSA						
6	5	4	3	2	1	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª
M	⊗	1	⊙			P	O	L	C	o	M	A
M	⊗	1	⊙			P	O	L	C	o	M	A
M	⊗	1	⊙			P	O	L	C	o	M	A
M	⊗	1	⊙			P	O	L	C	o	M	A
M	⊗	1	⊙			P	O	L	C	o	M	A

II											
Λ	1		⊗		P	o	L	C			
Λ	1		⊗		P	o	L	C			

N.B.: o símbolo 1, 1 = L, deve ler-se OL; o símbolo M deve ler-se OMA, ONA.

Camilo de Paula
1962

dos respectivos símbolos segundo o método de colunas já utilizado, e com vantagens evidentes, no estudo dos alfabetos numéricos.

Por outro lado, o símbolo da coluna 2, que de Heiss a Hübner tinha sido lido como M, não apresentava aspecto algum do MEM semítico ou grego, mas sim e muito um «ar» de Pi grego (compunha-se de dois traços verticais paralelos com pontos interiores); mas esta semelhança, que naturalmente acudia ao espírito que tinha chegado à conclusão de que o PI era o símbolo numérico 2×3 , não cabia facilmente naqueles espíritos, todos eivados do preconceito de que «o alfabeto turdetano derivava do fenício e não do grego»!

Formado o conjunto do Quadro junto, logo a evidência saltava ao espírito: estava-se em face do nome P O L K... que era, nem mais nem menos, que o corpo da palavra Porcuna, o nome actual do latino Obulco! Nesse caso, estava-se em presença de duas legendas indígenas equivalentes e interrelacionadas: a da legenda I sem a vogal inicial como em Porcuna, e a da legenda II, mais alatinizada, com a vogal inicial como em Obulco e ainda com o L vocalizado, tal como o HERCLE etrusco por HERCULE.

Mas isto, que já era bem evidente, passava a revestir-se de evidência total quando se aduziram os elementos comprovativos reunidos pelo próprio Hübner: os nomes registados no CORPUS Inscriptionum Latin, números 1565, 1643, 1646, 1651, 1652, 1653 e, ainda, o n.º 1046. Esses nomes, que apresentam a circunstância especialíssima de serem uma *justaposição das formas indígena e latina de Obulco*, são os seguintes:

- C. I. L. n.º 1046: IPORCA
 IPORCENSIVM
 » » 1565: IPOLC (OBULCOLENSIS)
 IPOLC/OBULCOLA
 » » 1643: IPOLC/OBULCULE.SIS
 » » 1646: .POLCONENSI e
 .POLCONE.SI...
 » » 1651: IPOLC/OBVLC.LENSIS
 » » 1653: IPOLC

Em os números 1565, 1643 e 1651 fez-se a separação por meio de traços oblíquos para melhor pôr em evidência os dois elementos justapostos e que, nas inscrições, formam uma só palavra.

No conjunto acima, ao qual podiam juntar-se as formas gregas e algumas latinas muito alteradas, vê-se claramente que há uma nítida diver-

gência entre a forma de influência indígena — a primeira — e a forma latina constante das mesmas moedas e dos escritos dos clássicos. A forma indígena em caracteres latinos é letra por letra e, possivelmente, som por som, uma perfeita equivalência das duas legendas indígenas I e II do nosso Quadro; pois, para ser completa, até tem formas com o I inicial e sem o I inicial, como tem, também um «O», «U» vocalizado pelo L! Sinceramente cremos que esta é uma prova feita para sempre e que muito dificilmente poderá ser posta em dúvida.

Resta-nos tratar do símbolo final, coluna 5. O seu sentido, logo de entrada, parece não dar lugar a dúvidas: as formas adjectivas latinas

têm	O B U L C O N —	
Strabão e Ptol, têm	'O BOÛ L K Ő N	e uma das moedas, a 90 de
Delgado, XCVII-11 Viv.	O B U L C O N H	o que tudo coincide com as
terminações medievais	B U L C O N A,	
	P U L C O N A	e, finalmente,
a actual	P O R C U N A.	

Aquele símbolo final tem, portanto, o valor duma vogal nasal, um M ou um N e parece corresponder às muitas terminações das legendas monetárias indígenas em KM ou CN, às quais se tem dado, geralmente, o valor de terminações em —cum, —cun, —con, etc., talvez relacionadas com a muito discutida grega em —Kon que será objecto dum trabalho já adiantado, mas ainda não suficientemente amadurecido de maneira a poder ser publicado.

Quanto à legenda III há duas palavras, apenas, a dizer: o «iberismo» DRACO de Hübner é, como se disse, mera fantasia que deve inteiramente ser posta de parte, pois nas legendas não há elementos concretos suficientes para identificar quaisquer símbolos; à primeira vista, não custa admitir, por comparação com outras legendas mal feitas destas moedas, que se trate de mais uma forma, muito adulterada, do nome indígena ou alatinado de Porcuna. A hipótese, porém, não tem, por enquanto, comprovação séria e suficiente, pelo que não deve ser utilizada senão a tal título.

*B) — O significado do nome POLCON — e a sua possível
relação com as figuras e objectos das moedas*

Uma vez decifrada, com uma evidência que se pode chamar perfeita, a legenda (ou legendas), indígena que contém o nome da antiga cidade que

QUADRO N.º 1-A

I-A <i>Completado</i> 1961	LEGENSAS LATI-				
	NAS				
XCIV-9	o	B	V	L	c o
XCV-5	o	B	V	L	c o
"-7	o	B	V	L	c o
XCVI-5	o	B	V	L	c o
"-7	o	B	V	L	< o
"-9	o	B	V	L	c o
XCVII-2	o	B	V	L	c
"-11	o	B	V	L	c o n
"-8	o	B	V	L	c o
"-12	o	B	V	L	? ?
"-15	o	B	V	L	c o
"-5	?	B	V	L	c o
XCVIII-2	o	B	V	L	? c
XCV _{ref.} -2	o	B	V	L	o o
"-4	o	B	V	L	o o
"-6	o	B	V	L	c o
"-8	o	B	V	L	c o
XCVI _{ref.} -6	o	B	V	L	c o
"-10	o	B	V	L	c o
XCIV _{ref.} -1	o	B	V	L	c o
"-5	o	B	V	L	c o
"-7	o	B	V	L	c o

Grafias monetárias da palavra OBULCO

hoje é a vila de Porcuña, não se estranhará nesta Revista de se pôr a questão do seu significado etimológico, e isto na sequência dos estudos das chamadas «bases», que se está desenvolvendo cada vez mais. Podemos, por isso, pôr algumas interrogações: Qual terá sido o significado etimológico de «POLCON»? A ter tido algum, terá ele alguma relação com os elementos mais característicos das moedas de Obulco, tais como a cabeça penteada, o arado, a espiga, o jugo, o boi, o porco, a águia, etc.?

D'HAUTERIVE, no seu «Dictionnaire des racines» ⁽¹⁾, regista a Raiz PEL— IV. (europ.), «idée de secouer» Gr. *pallō*, secouer. Lat. *pellere*, *pulsum*, pousser; *pulsus*, choc; *pulsare*, pousser; et nombreux composés. É fácil ver que a forma latina tem uma grande representação na península: pulso, impulso, *puxar*, empurrar, impelir e afins, apelar, etc., etc. Reparando nos objectos das moedas, podemos notar desde já que o arado, o jugo ou canga e o boi são tudo coisas relacionadas com *puxar*, esp. *pujar*, do Lat. PULSARE; nas linguas anglo-saxónicas a palavra «arado» parece ser da mesma Raiz: Islandês antigo, PLOG-R, arado, angl.-sax. e sueco, PLOG(E), idem; inglês PLOUGH, arado; alemão PFLUG, idem. Se, agora, passarmos ao vasconço, os achados são mais interessantes ainda: BULKAKA, significa «*puxar à canga*», «*aos puxões*», «*bois a puxar*»; BULKA OU BULKHA, impulsão, empurrão; e, quanto ao boi, encontramos em inglês um termo de origem mal conhecida BULL, touro; BELLOW, berrar que parecem ter uma sinonímia ainda relacionada com o sentido geral daquela Raiz.

Se, daqui, passarmos ao estudo do significado profundo da cabeça penteada, também não deixaremos de notar factos interessantes: a Raiz latina PILUS, pêlo, cabelo, parece estar relacionada com o grego mal conhecido Pilos, boné de feltro, lã *prensada*; Pyleôn, coroa; no anglo-sax. encontra-se o inglês antigo e desusado POLL, o alto da cabeça, a nuca, holandês BOL, alemão, POLLE, nuca, donde, talvez, o Lat. PULC-RO. E o vasconço? Este, na forma BUR-, talvez por PUL-, tem BUR-U, *cabeça*, cimo, remate; BURUKA, *espiga*, cabeçada, luta; BURUKO ou BURKO, tudo o que se *leva à cabeça*, lenço, rodilha, capuz, *touca*, etc.; BURUTE, rodilha (pequena almofada ou atado de trazer à cabeça por debaixo do peso), *espiga cortada*, peça de couro que cobre a frente dos bois jungidos.

Sabe-se bem que tudo isto é vago, impreciso e insuficiente para tirar conclusões definitivas; para muitos será, mesmo, um terreno escorregadio que

⁽¹⁾ R. Grandsaignes d'HAUTERIVE — Dictionnaire des Racines des Langues Européennes, Paris, Larousse, 1949.

se devia deixar de lado. Cremos, porém, que só por estes caminhos, ou equivalentes, se poderá penetrar a pouco e pouco, sempre com as maiores cautelas e reservas, no mundo trabalhoso, mas tão altamente atraente, do significado que os antigos peninsulares deram aos nomes dos seus povoados, dos seus instrumentos e dos seus «enfeites».

Neste sentido, com todas as cautelas e sempre à espera de factos ou de sugestões novas mais concretas, não nos furtamos a avançar que *parece* haver relações profundas entre o nome indígena P O L C O N, hoje Porcuña, e a vida agrícola dos seus habitantes, as espigas das suas colheitas e, até, a maneira cuidada e estética como cuidavam dos seus penteados; por outro lado, não deixaremos de notar, mais uma vez, as relações que parecem deparar-se-nos, embora muito discutíveis e esbatidas, entre certos termos vascos e termos europeus tão antigos e desusados que mal permitem vislumbrar os seus significados primitivos. O «iberismo» ou o vasconço independentes e sem relação com a linguagem indo-europeia, ou melhor, *europeia primitiva*, talvez comecem a ter os seus dias contados!

II

A LEGENDA INDÍGENA DE GUIXOLS, A CIPSELA DE AVIENO

À seguir à legenda de Obulco, e sem guardar a ordem acima apontada, passamos a tratar da legenda indígena de San Feliu de Guixols, Gerona, por ela, como aquela, apresentar elementos novos para a decifração das restantes legendas monetárias ibéricas e, bem assim, para a rectificação do respectivo alfabeto e das ideias «feitas» sobre a sua «derivação do alfabeto fenício». S. Feliu de Guixols é a sede do município do mesmo nome, que, em 1940 tinha cerca de 7.600 habitantes e é uma povoação — porto de mar ao Sul do Rio Ter, contígua a larga e bem abrigada enseada de mais de um quilómetro de abertura, limitada a SO. pela ponta de *GARBI* (S. Telmo?) e a NE. pela ponta de Levante. (V. Enc. Espasa — San Feliu de Guixols, e Carta n.º 366, 1/50.000, do Instituto Geográfico y Catastral).

Vives, na já citada *La Moneda Hispánica*, T. II, pág. 61 e XXIX (15), Ceca 15.^a, descreve seis moedas, com as respectivas fotografias, que apresentam, todas elas, uma só mas bem reconhecida legenda indígena, formada por cinco caracteres, todos bem identificáveis. O quadro junto contém as cópias das legendas das moedas n.ºs 1, 2, 3, 4 e 6 porque a fotografia da n.º 5,

embora revele a legenda, não a apresenta com clareza suficiente para nela se confiar. Em Hübner, M. L. I., pág. 35, N.º 27, vem a referência às mesmas moedas e a respectiva bibliografia até à data daquela publicação (¹).

Delgado, vol. III, pág. 266, lê um «ibérico» IAITZOLE e faz a derivação IAIZOLA — AETULA — BAETULA —, donde a cidade ant. BAETULO, Badalona, no que teria sido seguido, segundo Hübner, por Heiss e Pujol. Ali refere que Velasquez leu NEOLA
Sestini HIRAE (Juno)
Saulcy VIELE
e Boudard (²) JISCHLE que atribuiu, acertadamente, mas sem consequências, à CIPSELA de Avieno.

Hübner, N.º 27, lê IITLH e crê que o «ibérico» *Iitlh* ou *Iithla* tivesse sido pronunciada Baitulo ou Baetulo pelos Gregos ou pelos Romanos, mas com alterações locais já esquecidas.

Vives, que foge à questão da leitura das moedas indígenas, refere apenas a leitura de Hübner e a correspondência a Badalona, já citada.

Temos aqui uma amostra bem clara da confusão tremenda em que se tem vivido quanto à leitura das legendas monetárias indígenas; se, por simples espírito de comparação, quizermos aplicar, à legenda reproduzida no quadro junto, o alfabeto «ibérico» proposto pelo Prof. Gomez Moreno (ob. cit., pág. 23) em 1948, teríamos, mais ou menos, a leitura seguinte: *Ba I To L O* a qual, como se vê, não só vem ajustar-se à leitura de Delgado e de Heiss, mas quase faz crer que esse «alfabeto», quanto ao símbolo 3.º ou médio da legenda, foi influenciado por leituras antigas que, como se vai ver, não podem aceitar-se: a leitura que daria, indirectamente, Baetulo ou Baitulo, Badalona. Nisto, talvez não seja ocioso recordar a «ideia feita», vinda de longe por Delgado a Hübner, de que, dada a proveniência, *fenícia e não grega*, do alfabeto «ibérico» (confronte-se a ausência («deest») no alfabeto «ibérico» de Hübner, a pág. LVI da M. L. I.), este não podia ter as letras finais do alfabeto greco-etrusco, simplesmente porque aquele as não tinha!

(¹) «Sestini p. 216 tab. X 3; Saulcy p. 181, 137, 138; Lorichs tab. III 6, 7; Heiss p. 109 tab. V 1; Delgado III p. 266, tab. CXLVII 1-3; Zobel II p. 38 tab. IV 12, inncr. 137, 138, 215; Pujol *Bol. de la Acad. VII 1888 p. 35, rev. de ciências hist. IV 1866 p. 207, epigr. n.º 121*».

(²) P. A. Boudard — *Études sur l'alphabet ibérien; sur quelques monnaies ibériennes* in *Rév. Arch.* 1853, pág. 702-714; *Essai sur la numismatique ibérienne, précédé de recherches sur l'alphabet et la langue des ibères*, Paris, 1859.

A decifração da legenda indígena

A legenda do Quadro junto é dextrorsa, todos a têm lido, correctamente, da esquerda para a direita, os seus caracteres são claramente desenhados e não dão lugar a dúvidas de identificação se os compararmos, independentemente de qualquer preconceito ou escola, com os alfabetos conhecidos da antiguidade mediterrânica.

A legenda compõe-se de cinco letras ou símbolos simples e sem quaisquer desenhos accidentais que os deturpem ou compliquem. Estudemo-los um por cada vez:

A primeira letra ou símbolo — um traço recto, vertical, não pode deixar lugar a dúvidas quando comparado com aqueles alfabetos antigos: — é o I romano-etrusco ou iota grego. Se não quizermos ir mais longe, basta confrontá-lo com os Quadros N.^{os} 9, 10, 14, 22 e 27 da nossa «História», para nos convenceremos dessa certeza. Como iota ou Jota que é, podemos, em princípio, atribuir-lhe o valor de Jota, no que não há desacordo substancial com Delgado, Heiss e Hübner mas há, pelo contrário, uma discrepância absoluta com o valor proposto pelo Prof. G. Moreno.

A segunda letra ou símbolo da legenda também não deixa lugar a dúvidas: praticamente, foi sempre tido por um iod fenício, de desenho muito corrente em todos os alfabetos orientais, História cit., Q. 23 e 28, a pág. 149 e 357, e nisto também há acordo quase total, inclusive com o Prof. G. Moreno. Damos-lhe o valor básico de i, embora possa apresentar leves flutuações vocálicas. Juntando as duas letras, a primeira mais consoante que vogal, teríamos uma sílaba inicial que, lido à portuguesa, seria mais ou menos gi-, como quiz Boudard; mas o espanhol, que, mais que outros, herdou a pronúncia antiga do Levante, não o pronunciava à latina, (Je- ou Gi-) mas à levantina Gui-, ou mesmo Xi-, modo, como na região catalã, ouvimos pronunciar o nome Guixols: «Xixoles». Na verdade, como se pode ler na Enc. Espasa, 1 c., o Guixols de hoje escreveu-se, à latina, JECSALIS, GISSALIS e GIPPALENSUM, (sic), mas também se escreveu à levantina GUIXOLENSIS no séc. XI, e GUIXELENSIS no séc. XIV. Sobre todas estas correspondências parece não ser fácil ter dúvidas.

Passando ao símbolo médio, a terceira letra da legenda, distanciamos-nos, então, de todos os outros autores, à excepção de Boudard: vista sem preconceitos a letra é, em todas as variantes que apresenta nas cópias do Quadro junto, *um autêntico Psi greco-etrusco*. Para tal concluir mais não seria preciso do que confrontar essas variantes com os alfabetos etruscos, por exemplo, de Buonamici, ou com os gregos de S. Reinach, V. Hist.^a cit.,

QUADRO Nº 2

A LEGENDA INDÍGENA DE GUIXOLS (S. FELIU DE)	
	1 2 3 4 5 6 7
1	I N W A N
2	I N W A N
3	I N W A N
4	? N W A N
LEIA- -SE:	J I PS EL É
CP. CGM: 6	C I PS EL A
7	C Y PS EL A
8	K v ψ ε λ α
9	J E CS AL I S
10	G I SS AL Y S
11	G UI X EL ENSIS
12	G UI X OL - S

Q.º n.º 10, 14 e 27. Só o não admitirá quem o não queira ver. Mas tratando-se da letra PSI, não deixa de ser provável que ela tivesse sido empregada na legenda para ter uma função parecida com a daquela letra. Como são relativamente poucas, na Península, as palavras topónimos com o som PS-depressa nos chamou a atenção a CYPSELA de Avieno (v. 527), tanto mais que o conjunto gráfico e fonético da palavra que denominava a cidade de Avieno parecia apresentar, logo à primeira vista, uma estreita relação com a nossa legenda. Passando-se a procurar relações no espaço, logo concordamos com as indicações de Schulten que, em F. H. A. — I, pág. 123, emitiu o parecer de que a cidade de CIPSELA devia ter existido junto à foz do Rio Ter, no antigo e agora assoreado golfo entre Estarit e Pals, o que quase coincidia com a ideia de Delgado, transmitida a Hübner, que supunha a cidade cerca da foz do Ebro porque «as moedas provinham dessa região». Com estes dados coincidentes em parte, fácil foi encontrar a vila-porto de San Feliu de Guixols cujo nome, também logo à primeira vista, parecia corresponder, de maneira impressionante, quer com o nome de CIPSELA, quer com o relativamente provável significado da legenda. Chegados aqui, havia que indagar se algum facto permitia esclarecer e circunscrever um pouco mais as relações que parecia depararem-se-nos. A comprovação, que pode agora considerar-se quase perfeita, apareceu-nos no artigo da Enc. Espasa sobre S. F. de Guixols: aí se lê, com efeito, o seguinte: «En la punta dels Guixols ó Fortin, (é uma ponta que separa em duas a praia da bahia), se descubrió una necropolis con urnas cinerárias, monedas, objetos de bronze y hierro, y fragmentos de ceramica de diversas formas, la mayor parte romanas, pero, algunos, semejantes a los de los ultimos tiempos préhistóricos; otros de importacion griega, barnizados y pintados, de fondo negro con adornos rojos, y otros de los llamados saguntinos». «Los griegos se remontam à fines del siglo V ó principios del IV antes de nuestra era y permiten deducir la existencia por aquel entonces de un núcleo de poblacion iberogriega, relacionada probablemente con EMPORION, que subsistió y adquirió cierta importancia durante la dominación romana».

Como se vê por esta transcrição, um pouco longa, mas que vem muito a propósito, os achados de proveniência grega, atribuídos aos séculos V-IV a. Cr., coincidem, singularmente, com a data dos séc. VI-V, geralmente atribuída às descrições mais antigas do poema de Avieno.

Por fim, a história medieval de S. Felíu de Guixols fornece dados que implica uma correspondência que se pode considerar muito satisfatória e concludente entre a CIPSELA de Avieno e a Guixols actual.

Voltando à legenda, e tomando em atenção o que vem de ser dito.

deve notar-se desde já que autores como Pape, citado por Schulten, afirmam que Cipsela é «um nome grego, Kipsela», embora conceda que ele poderia ser a deformação de um nome ibérico análogo, donde resulta que o suposto PSI da legenda corresponde a um Psi grego, real e, na expressão aviénica, à sua correspondente latina. Por outro lado, continua a haver uma indiscutível correspondência entre esse PSI íbero-greco-latino e as formas —S— da GESORIA DE PLINIO, —CS— da Jecsalis monástica, —SS— na Gissalis de 993 e —X— na Guixelensis de 1362.

Há, portanto, razões muito sérias e, por assim dizer, quase definitivas, para considerar como sendo a letra PSI o símbolo médio da legenda.

O quarto símbolo literal da legenda nunca levantou grandes dúvidas e atribuiu-se-lhe em geral, o valor de L. Nota-se, porém, uma grande e esclarecedora diferença entre aquele simples valor de L e a leitura —EL— que vimos fazendo por força do «alfabeto numérico». Sem ela, a leitura do Psi seria incompleta, senão incompreensível, como sucedeu a Boudard; com ela, está-se a ver já, com toda a facilidade, a leitura integral da legenda: *K y ps el c*, visto que a letra final é indubitavelmente um H que geralmente se lê E ou A mudo; isto é, a legenda indígena apresenta-se, sem tirar nem pôr, com uma correspondência perfeita com os nomes grego e latino e, não só com esses, como com todos os outros que se lhe seguiram até à forma actual!

E agora, depois desta demonstração, podemos notar o fruto da eliminação das «letras finais gregas» do alfabeto ibérico: «En realidad no es possible fijar con exactitud la fecha del origen de esta población, (San Feliu de Guixols), pues ni la GESORIA de Plinio, ni la GYPSELA (sic) de Avieno, corresponden á la ciudad de que se trata, como han demostrado *Hübner* y otros autores». O leitor, decerto muito interessado pelos grandes e difíceis problemas da decifração das legendas monetárias indígenas, está, agora, para ver como se «havia demonstrado a negativa» e como se vem tentando, finalmente, demonstrar a afirmação de que *a legenda, o nome de Avieno, os nomes medievais e o nome actual de GUIXOLS são apenas variantes, no tempo, do mesmo nome original.*

Poderemos ir mais longe? Segundo o Dic. grego-francês de BAILLY, houve na Arcádia a praça forte de Kypseles e o tirano Kypselos; kypsele, significa vaso, caixa, cofre, cavidade. Ora, como se vê na Carta espanhola de 1/50.000, n.º 366, e se descreve na Espasa, o porto de Guixols «enclavado en un valle abierto entre altas montañas es privilegiado».

Haverá alguma relação entre a palavra grega e o nome de Guixols? Significará ele cova, enseada, porto fundo entre montanhas? E, a ter significado, tratar-se-á, apenas, dum baptismo de gregos protohistóricos ou ha-

veria, entre a população indígena denominações parecidas? Ou, por outro lado, terá o nome alguma relação com Pselioô, envolver, cercar, ou, ainda com Ipsos, cortiça, bóia? Por outro lado ainda: até que ponto houve intercâmbio de influências entre gregos dos tempos heróicos e os povos peninsulares? Respostas todas muito difíceis, mas que só no estudo porfiado e paciente poderão achar começos de claridade.

Ficou por tratar um problema de Fonética: como é que a combinação indígena Jy-, seguida por Je-, GE- e Gy- pode alternar com Ky- e com GUI-? Trata-se de coisas muito complexas e, antes de mais, há que registar e comparar entre si o maior número de casos possível, com as respectivas variantes para, depois, se poder ter, do caso, alguma ideia aceitável.

III

A LEGENDA BILINGUE DE GELSA-ZARAGOZA

Vamos tratar, a seguir, duma legenda indígena que não traz novidades porque estamos em presença de uma série de moedas cujo conjunto pode considerar-se bilingue: a legenda indígena e a legenda latina CELSA. Escolhemos esta legenda por ela de certo modo completar e esclarecer o valor qu se deu ao —L— nas legendas de Obulco e de Cipsela-Guixols.

No estudo das moedas da CELSA latina, como Hübner já notou (N.º 33, pág. 39) nem é desconhecido o seu lugar junto do Ebro, a jusante de Pina, nem é desconhecido o seu nome actual, *GELSA*.

Quanto à leitura da legenda indígena os autores do século passado estiveram mais ou menos de acordo em que a legenda continha o nome CELSA; porém, como essa legenda tem apenas quatro letras e só uma vogal —o —E— final, ficava-se sem conhecer onde estava o som —E— da sílaba inicial CEL-. À falta de solução mais satisfatória foi-se para uma mistura de métodos de leitura (o hebraico) e de formações de letras (traço a mais, ângulo a mais) que os factos, bem observados, em nada confirmavam, mas que não deixou de induzir em erro, conduzindo a péssimos resultados. Assim Hübner, M.L.I., N.º 33, dá nas legendas *a* e *b*, a leitura CE-L-S-E, simplesmente porque o *C* inicial tem dois ângulos em vez de um; em 33 — *c* e *d* dá a leitura C-L-S E, porque o mesmo *C* inicial tem um só ângulo e em 33-*c* (2.ª) dá C-EL-S-E, porque ao *L* atribui um pequeno traço interior que não se prova: três leituras diferentes, da mesma legenda, e nenhuma provada, nem satisfatória.

Quanto à leitura que vamos fazer — tão fácil que o leitor pode prevê-la desde já — não pode surgir a mais pequena dúvida ou objecção: as quatro letras da inscrição indígena, também sempre dispostas por ordem dextrorsa dão a seguinte leitura G E L S E. A letra inicial, C/G tinha, porém, uma pronúncia muito imprecisa que nunca pôde ser perfeitamente transliterada, nem nos peninsulares medievais e modernos. Por isso variam tanto, no tempo e na escrita, os nomes daquela mesma povoação:

Em grego, K É L S A , Ptolemeu, II, 6-7; Estrabão, III, 4-10.

Em latim, C E L S A , Moedas, Plínio, III, 24.

Em espan. X E L S A , Florez, I, pág. 349, (1757).

Em espan. J E L S A , Vives y Escudero, II, pág. 153.

Em oficial G E L S A , Munic. de Esp.; Carta 413 de L/50.000, etc.

Para nós, trata-se dum som muitíssimo complexo do europeu nascente, nascido da maneira como os europeus neolíticos pronunciavam uma das duas ou três palavras que significavam o numeral «dois», som esse que veio a entrar na composição de outros nomes numerais como «panCa, 5 e oCto, oito, (V. a «Hist. das Letras», págs. 99 e 110, e a «criação do símbolo C-G», §§ 249 e segs., a págs. 188).

Muito provavelmente, foi porque o alfabeto grego não tinha um som próximo do português —GE—, (geada, gelo, gente), que a palavra indígena acima estudada, Guixols, visivelmente influenciada pelo grego, ou vice-versa, tem por inicial a letra I, com o som JE, JY que o grego clássico e por aproximação transliteraram por —K—, como fizeram, para outra letra inicial, no caso de Gelsa. Voltaremos ao assunto.

IV

A LEGENDA INDÍGENA DE BILBILIS E O NOME DE SEVILHA

Outra série de moedas que podem considerar-se quase como bilingues, tão aparente é a semelhança entre a legenda latina e a legenda indígena é a série que, desde Florez se tem atribuído, dum modo geral à cidade (ou cidades), que teve o nome latino de *BILBILIS*. O quadro junto mostra as cópias tiradas das reproduções fotográficas de Vives, Lâmina LXIII, e por estas se vê, claramente, uma quase perfeita identidade entre as duas legendas,

latina e indígena. A legenda indígena, de seis letras e também em sentido dextrorsum, tem duas letras repetidas, tal e qual como na legenda latina, não oferecendo dúvidas as duas letras restantes e finais que facilmente se reconhece serem o I e o S, também coincidentes com a terminação da legenda latina. daquelas letras repetidas a segunda e a quarta são claramente um L e correspondem, perfeitamente, a idênticas letras da legenda latina. O símbolo literal restante, primeiro e terceiro da legenda, é visivelmente um P mediterrânico, como bem se conclui pelos Quadros 10, 14 e 27 da nossa História das Letras...; como tal, este P corresponde à labial sonora B da legenda latina, como é normal.

Quanto aos primeiro e segundo II da legenda latina, que tinha de se subentender ligado ao P, sabemos agora, pelos casos de *Obulco* e de *Gelsa*, que esse I se contém na leitura do respectivo L. Deste modo a leitura da legenda indígena resulta fácil e clara:

P IL P IL I S em perfeita correspondência com a latina . . .
 B I L B IL I S, onde, de novo, nos aparece o P indígena em correspondência com o B latino.

Até aqui não há portanto, quaisquer dificuldades, nem desacordos apreciáveis. Estas surgem, porém, quando se trata de procurar saber se algum topónimo actual continuará a representar o nome indígena. Florez, I, pág. 169, Tabla IV, seguindo a solução de Gaspar Barreyros «en su Chorographia», aceita a localização de Bilbilis no cerro de BAMBOLA, junto a Calatayud, «que es la heredera de sus glorias». Esta indicação foi geralmente aceite até hoje e a cidade de Calatayud, nas margens do rio Jalon (o antigo Salo), pode vangloriar-se de ostentar no seu escudo a legenda AUGUSTA BILBILIS e de ver chamar, aos seus habitantes, «bilbilitanos». Mas será Bambola uma sobrevivência do nome indígena ou, mais simplesmente, o designativo comum de «fanfarronada» (Cêrro da)?

Estudemos o assunto: os clássicos deixaram-nos da Bilbilis do Salo, famosa por ter sido a pátria do poeta Marcial, e por ter as melhores águas para tempera de aços finos, as seguintes variantes:

BILBILIS moedas e vários autores:
 BILBILITAN. (Aquae)
 BE. BLITANI Plínio, III, 24,
 BELBILI Raven. 309, 16.
 BIRBILI C.I.L. 2728
 BIRBILIS Justino, XLI v, 3, 8;
 BILBILIS em grego, Strab. e Ptolemeu.

Comparemos os topónimos actuais:

BÁRBOLES Municip. de Zaragoza, junto do Jalon;

BARBOLLA Municip. de Segóvia (Sepúlveda)

BAMBOLA Calatayud, acima referida.

A aceitar-se, por simples hipótese, qualquer relação com a legenda indígena, a maior razão parece que deveria ir para a primeira daquelas três formas actuais, até pela sua localização, embora qualquer das outras não seja de rejeitar à primeira vista. Pode ser, pode não ser, se bem que o O não se explique fàcilmente.

Mas nas moedas de Bilbilis, em algumas pelo menos, surge um elemento novo que tem dado muito que pensar e que gerou já, no dizer de Florez, «controvérsia entre los Antiquários». Florez desfaz vários acertos e termina, «mientras no se descubra otro sentido, que aquiete mas que el de la alianza de Bilbilis con Italica» (Sevilha).

Em face dos factos tal aliança é pelo menos, muito estranha: Sevilha, nas margens do BAETIS (Guadalquivir), está a mais de quinhentos quilómetros de Calatayud ou de outra cidade do rio Jalon. Povos diferentes, celtíberos ao Norte, turdetanos ao Sul, ambos tão longe, porquê a aliança?

Tentemos outro caminho, começando por nova interrogação:

Acaso terá havido duas «Bilbilis» conhecidas dos romanos? O caso não seria inédito pois há, disso, alguns exemplos. Vamos por partes: a cidade bética que hoje é Sevilha teve um nome alatinado, «Hispalis», que também tem dado muito que falar, parecendo que ainda não há acordo quanto às relações entre essa forma e o nome actual de Sevilha. Por isso, é natural que se volte ao assunto, começando por registar as principais variantes do nome antigo:

Latim,	H I S P A L	Mela, Plínio, etc.
»	H I S P A L I S . .	Forma clássica.
Grego,	* H I S P A L I S . .	Estrabão, Ptolemeu, etc.
»	* . I S P A L I S . .	Estrabão, III-21; Ptolemeu, II-4, 10.
«ad.	. I S P A L I . .	Heiss, Mon. Vis., p. 53.
»	. . S P A L I . .	Heiss, Mon. Vis., p. 53.
L. ad.	. . S P A L I S . .	cit. Hübner: Cosmogr. 79 — 9R.

Grego . I S P O L A ou
adulterado . I S P I L A cit. por Hübn., Philostr. vit. Apoll., V-9.

QUADRO N.º 4

O NOVO MODO DE LER A LEGENDA INDÍGENA NA DE BILBILIS:						
1	∩	∩	∩	∩	N	∩
2	∩	∩	∩	∩	N	∩
3	P	∩	P	∩	N	∩
4	P	∩	P	∩	N	∩
5	P	∩	P	∩	N	∩
6	∩	∩	∩	∩	N	∩
7	P	∩	P	?	N	?
8	∩	∩	∩	∩	N	?
9	P	∩	P	∩	N	?
10	∩	∩	P	∩	N	?
LEIA- -SE:	P	∩	P	∩	I	S
CPA- RE:	B	I	L	B	I	L

IV — A legenda indígena de Bilbilis e o nome de Sévilha

? H I S P I L A ou

? H I S P I L I A, supostas variantes que, segundo Philipon, ⁽¹⁾
teriam dado o nome Sevilha.

Árabe E S B I L I A ou

» ASCHB Y L Y A em 1806. (Enc. Espasa), (Sevilha).

Espanhol SEV I LL A

Comparemos agora:

E . P I L H . A Povoação nas m. do Jalon (Zaragoza).

P I L P I L I S legenda indígena já citada, e a latina
corrente B I L B I L I S a c. do Salo que tinha as melhores têmeperas.

Gr. ad. I B Y LL. A cidade tartess., ignorada, Estefano (Estra-
bão), 142).

S I L P I . . A cidade da ulterior, Livio, XXVIII, 12.

Quanto à pronúncia do —A—, nas formas latina e grega, Philipon, atrás citado, parece ter razão quando diz: «son non actuel de SEVILLA postule un ibero-latin «HISPILA; (sur l'LL espagnol, voy. Diez, Gramm. des langues romanes, t. I, p. 190)». (Les Ibères, p. 103, nota 2). A aceitar a sugestão, estaríamos em face duma forma bastante próxima do topónimo actual EPILA, (leia-se Epilha), nas margens do Jalon e numa região onde, mais ou menos, teria estado a antiga PILPILIS-BILBILIS, tão famosa por ter «la fabricación de armas, cuyas hojas se templaban con las aguas del Jalon y sus espadas eran muy estimadas, demodo que surtian de ellas toda la Celtiberia y aun países lejanos». (Espasa, v. Calatayud).

Será, então, Epila o nome actual da antiga Pilpilis indígena?

Com bastantes reservas, não deixaremos de afirmar que assim nos parece, não só pela relativa semelhança dos nomes, como por outros motivos ainda, como se vai ver:

O município de Epila tem um escudo que «tiene a la derecha tres bandas plateadas y a la izquierda *una pila* (pia em forma de cálice) asida por dos leones». É possível que, tal como sucedeu em Calatayud, em cujo escudo se lê, como vimos, Augusta Bilbilis, (certamente em seguida à suposta localização de Bilbilis, ali, por Barreyros), a grande pia (pila), em forma de cálice tivesse ido para aquele escudo por causa da semelhança com o nome

(1) ÉDOUARD PHILIPON — Les peuples primitifs de l'Europe Méridionale. Paris, 1925. pág. 178; Les Ibères — Paris, 1909, pág. 103, nota 2.

Epila; não o sabemos, mas pode ter sido assim. Entretanto, podemos continuar a raciocinar: como é na água das pias (pila) que as espadas em brasa, se mergulham para lhes dar a têmpera requerida, também pode ser que a «pila» de *Epila* seja uma sobrevivência das «pilas» (pias), dos seus famosos ferreiros... Mas ao chegarmos aqui, surgem-nos aspectos novos e parece que interessantes: os dicionários vascos (o francês de Lhande ou o espanhol de Mendizabal) ⁽¹⁾ trazem uma série de palavras seguramente relacionadas com a base indo-europeia *Pila-*, num conjunto de sinonímias que apresenta grande interesse; assim:

Vasco «PILA II — trou qui sert dans les tuilleries à préparer et à composer la pâte de terre avec laquelle on fait les ouvrages; amassadoiro, cova de amassar barro. Lhande. Compare o

Latim PILA

L arcaico PEILA e PILLA «mortier à *piler*», amassadoiro, cova ou pia para debulhar, pisando, favas, trigo, etc. Guill FREUND- Gr. Dict. de la Lang. lat.

Lat. PILUM «Pilon avec lequel on pile dans un mortier».

Lat. PINSO, ou PISO, SI, SUI, PINSUM e PISTUM — broyer, piler.

Raiz i.-e. PEIS-

Grego, PTISSŌ, *piler*, monder;

Grego Ptisanê, tisane d'orge *pilée*. D'Hauterive.

Sanscr. PInâsti, il écrase, »

Pistâ, ecrasé. »

Port. *Pilar*, debulhar castanhas pisando-as com as botas. (*Pilada*).

Port. Pia, de Pila. pedra com cova para ter água.

Quanto à forma vasca PILA, ainda se pode dizer, como Lhande, que ela é importada do europeu; mas em vasco e em bretão, há outra série de palavras, tidas como tendo origem onomatopaica e que, por isso mesmo, ninguém acusará de influência europeia recente, mas que tudo indica estarem relacionadas com aquela Raiz Pila, são elas:

Vasco esp. e fr.	PIL-PIL.	fervura, palpitação, pulsação; diminutivo de
» variante	PUL-PUL	»
» »	PAL-PAL e	Compare PHALA, Écluse.
» »	PHAL-PHAL	

(¹) Pierre LHANDÉ S. J. — Dict. Basque-Français, Paris, 1926; Dicc. Vasco-castellano de P. Bera — Lopez MENDIZABAL, 3.ª ed. Guipuzcua.

»	»	PIR-PIR	fervura. e, agora,
»	»	BIL-BIL	boule d'eau,
»	»	BUR-BUL	» »
»	»	PONPOIL	lágrima, gota de água.
Bretão		POULL,	trou, fosse, mare. R. Hemon — Dict. br.-Fr.
»		PILAD,	écraser, piler, faire tomber.
»		PILPASAÑ,	piétiner.

Se se reparar que as variantes vocálicas de PIL-PIL tornam difícil a aceitação duma origem onomatopaica e se, por outro lado, se tiver em atenção que a água *ferve* e *chia* nas pias dos ferreiros quando nela mergulham as espadas ou quaisquer objectos de aço em brasa para serem temperados, podemos estar em face de uma ligação geral à cova com água, à água que ferve na pia, quando se dá a têmpera. PIL-PIL-IS pode então ter sido um plural em forma de redobro de cova com água, de pias pequenas onde se temperavam os aços, piasinhas, talvez.

De tudo o que vem exposto e registado podemos, agora, tirar algumas conclusões de bastante interesse, assim:

- 1.^a — A Raiz indo-europeia PEIS «idée de piloner», tem ainda uma grande vitalidade em toda a Europa ocidental, sobretudo no sentido, arcaico, de «cova com coisas dentro para serem pisadas pelos pés ou por qualquer pilão apropriado», donde cova para amassar barro para fabrico de vasos ou de material de construção, trabalho este que, como se sabe, era primitivamente feito com os pés;
- 2.^a — Esta mesma Raiz está, indiscutivelmente representada tanto no vasco como no bretão nos quais, a formas muito semelhantes correspondem significados inteiramente iguais;
- 3.^a — Na região aragonesa do Jalon (Ebro) onde existiu a cidade indígena que deixou a legenda PILPILIS e que ficou célebre por ter sido um importante centro de fabrico de espadas de têmpera especial feita com as águas do Salo, (hoje o Jalon);
- 4.^a — Nessa mesma região e junto do Jalon encontra-se a vila actual de EPILA, cujo escudo apresenta uma PIA (PILA) em forma de cálice, donde se infere a probabilidade de que se relacionou o nome EPILA com o nome PILA (pia) se é que se não trata de mais antiga tradição;
- 5.^a — A têmpera de aços especiais fazia-se, e faz-se ainda, metendo

o aço, em brasa, aos poucos e poucos, em movimentos de avanço e recuo, na água da respectiva PILA (Pia), de modo muito semelhante ao da pisa para debulhar cereais, frutos ou legumes ou, ainda, ao da pisa das uvas no lagar ou do barro na cova do amassadoiro (latim *mortarium*, donde fr. *mortier*, argamassa.

6.^a — A grande semelhança entre os nomes EPILA, do Jalon, e os nomes antigos de Sevilha: árabe, ESBILIA e lat. hipot. HISPILIA, posta em confronto com o nome indígena PILPILIS, lat. BILBILIS, quando acompanhado pela palavra ITÁLICA, leva, irresistivelmente, a pensar que as formas actuais EPILA e SEVILHA não são mais do que sobrevivências do nome indígena PILPILIS que talvez tenha designado povoação ou campo de pias de ferreiros, ou de rios com corrente ruidosa como a água que ferve, se é que se não tenha referido, mesmo, a águas termais como a *Aquae Bilbilitanorum*.

Entretanto, não se deixa de reconhecer que são poucas, precárias e imprecisas as provas do que se supõe e que não se dá, por enquanto, como suficientemente provado. Por outro lado o assunto que se vem tratando suscita outros problemas a que não vemos, por enquanto solução aceitável: o primeiro é a falta de razão suficiente para explicar ou justificar a inclusão de *golfinhos* — animais essencialmente marinhos ou, pelo menos, de estuários de águas salobras — em moedas da Bilbilis do Jalon — rio de água doce e de pouco caudal, — a mais de duzentos quilómetros do mar. O problema, que não deixa de ser muito interessante, é muito complicado e exige um estudo conjunto de muitas moedas indígenas. O outro é levantado pela explicação de Madoz: poderá provar-se que a «ISPALIS» de Plínio, (ou uma delas) se referia à Bilbilis do Jalon? Deixando de lado a fantasiada «Byspolis» e a sua sinónima SECUNDA (de Madoz), aquela atribuição de Plínio, a comprovar-se, seria uma quase perfeita contraprova de que o nome Sevilha vinha, mesmo, de PILPILIS. Esperemos que o tempo e a investigação tragam mais luz a estes problemas.

Por agora, e de interessante, teríamos que, a comprovar-se tal origem, tanto Sevilha como todo o Garbe europeu, teriam de passar a ser considerados como regiões linguísticas pertinentes ao *europeu arcaico ocidental* — talvez o criador da escrita milenária referida por Estrabão, ao falar dos Turdetanos!